

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Adriana Oliveira de Santana

**REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA POESIA DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE**

Maceió – AL

Março, 2021

ADRIANA OLIVEIRA DE SANTANA

**REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA POESIA DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Ms. Susana Souto

Maceió – AL

Março, 2021



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: ADRIANA OLIVEIRA DE SANTANA

MATRÍCULA: 18110107

TÍTULO DO TCC: REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NA POESIA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ao(s) 21 dia(s) do mês de abril do ano de 2021, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: SUSANA SOUTO

1º Prof./a Examin./a: ELIANA KEFALÁS OLIVEIRA

2º Prof./a Examin./a: FRANCISCO JADIR LIMA PEREIRA

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a : 9,0 (NOVE INTEIROS)

1º Prof./a Examin./a: 9,0(NOVE INTEIROS)

2º Prof./a Examin./a: 8,0(OITO INTEIROS)

totalizando, assim a média: 8,6 (OITO INTEIRO E SEIS DÉCIMOS), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 26 de abril de 2021.

Prof./a Orientador/a:

1º Prof./a Examin./a:

2º Prof./a Examin./a:

VISTO DA COORDENAÇÃO

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o poema “Infância”, pertencente ao livro *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. O foco de tal análise será a reflexão acerca da memória da infância elaborada pelo poeta nessas obras. Ressalta-se a importância desse estudo visto que Drummond é um dos autores mais conhecidos e relevantes para a história da literatura e da cultura brasileira. Para tanto, será desenvolvido um estudo a partir de textos teóricos que tratam da poesia, de maneira geral. Um dos aspectos abordados será a visão de memória de estudiosos como Le Goff. O estudo passa por um breve histórico da vida e da obra de Drummond, logo após, a análise do livro no qual foi publicado o poema supracitado, e por fim, o estudo do poema, de fato. Tal análise identifica que a obra objeto de estudo foi permeada por lembranças da infância de Drummond, bem como por percepções pessoais construídas na própria infância, em um momento no qual os valores sociais eram diferentes do visto hoje.

Palavras-chave: Carlos Drummond; poesia brasileira; memória.

ABSTRACT

This study aims to analyze the poem “Infância”, from the book *Alguma Poesia*, by Carlos Drummond de Andrade. The focus of such analysis will be a reflection on the childhood memory elaborated by the poet in these works. The importance of this study is emphasized since Drummond is one of the best known and most relevant authors in the history of Brazilian literature and culture. Therefore, a study will be developed from theoretical texts that deal with poetry, in general. One of the aspects addressed will be the conception of memory of scholars such as Le Goff. The study discusses a brief history of Drummond's life and work, soon after, the analysis of the book in which the aforementioned poem was published, and finally, the study of the actual poem. Such analysis identifies that the work object of study was permeated by Drummond's childhood memories, as well as by personal perceptions built in his childhood, at a time when social values were different from what is seen today.

Keywords: Carlos Drummond; Brazilian poetry; memory.

O retrato não me responde,
ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam
os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo apenas
a estranha idéia de família
viajando através da carne.
(ANDRADE, 1987, p.180)

1 INTRODUÇÃO

Carlos Drummond de Andrade é um dos poetas mais conhecidos do Brasil, tendo uma vasta obra, reconhecida pela crítica e pelo público. Como afirma Bastos (1999, p. 24): “Drummond é o poeta nacional porque talvez tenha sabido mais do que ninguém cantar o impasse. [...] Drummond é um intérprete do Brasil, mas mais do que intérprete, é o poeta, ou seja, alguém que foi capaz de vivenciar aquilo mesmo que interpretou.”.

Este trabalho irá analisar o poema “Infância”, pertencente ao livro *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. A análise tem como centro a reflexão acerca da memória da infância elaborada pelo poeta nessas obras, a partir de textos teóricos que tratam da poesia, tais como: *O ser e o tempo da poesia*, de Alfredo Bosi, *O estudo analítico do poema*, de Antônio Candido e *Uma viagem pela poética de Carlos Drummond de Andrade, (re)tratando a marcante presença de Itabira em sua obra*, de Roberto Geraldo Rodrigues.

Na primeira parte deste trabalho, faremos uma breve apresentação da vida e obra de Carlos Drummond de Andrade, sua trajetória como poeta, o início da vida em Itabira e suas obras de maior destaque.

Na segunda, analisaremos os poemas, com base nos teóricos já mencionados, e partindo da noção de “memória” de Le Goff. Além disso, tal análise contemplará o livro no qual o poema escolhido foi publicado.

Na terceira parte, apresentaremos uma breve conclusão, a partir do trabalho realizado.

2 VIDA E OBRA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Poeta e escritor brasileiro do movimento literário intitulado Modernismo, Carlos Drummond de Andrade nasceu em Minas Gerais, na cidade do centro leste Itabira do Mato Dentro, em outubro de 1902. De família rica e conservadora, estudou em bons colégios internos na infância.

Em 1921, começou a publicar artigos no *Diário de Minas*. Em 1922, seu conto “Joaquim do Telhado” ganhou um prêmio de 50 mil réis, no “Concurso da Novela Mineira”. Por influência do pai, começou a cursar Farmácia em 1923 na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte e graduou-se em 1925 pela Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, fundou *A Revista*, que se tornou um veículo do *Modernismo Mineiro*. Nunca exerceu a profissão de farmacêutico mas lecionou português e geografia em Itabira. Foi casado com Dolores Dutra de Moraes, e teve dois filhos: Maria Julieta Drummond de Andrade e de Carlos Flávio Drummond de Andrade.

O poema “No Meio do Caminho” foi publicado em 1928, na *Revista de Antropofagia* de São Paulo e provocou um escândalo na época, foi duramente criticado pela imprensa. Para os críticos, o poema não era poesia e sim uma provocação, pela repetição dos termos. Além disso, questionavam o uso de “tinha uma pedra” no lugar de “havia uma pedra”, que seria gramaticalmente correto.

Em 1934, Drummond muda-se para o Rio de Janeiro, para ser chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde, do ministro Gustavo Capanema. Em 1942, publica seu primeiro livro de prosa, *Confissões de Minas*. Em 1945, Drummond deixa o gabinete do Ministério. Nesse mesmo ano, publica o livro de poemas *A Rosa do Povo*, no qual condena a vida mecanizada e desumana de nossos dias e espelha uma carência de um mundo certo, pautado na justiça, que venha substituir a falta de solidariedade de seu momento.

As décadas de 1950 e 1960 foram de muitas produções. Em 50, Drummond escreveu sua primeira obra de ficção intitulada *Contos de Aprendiz*, em 1967, o poema “No Meio do Caminho” completou 40 anos e para comemorar, Drummond reuniu extenso material publicado sobre ele, em um volume que se chamou *Uma Pedra no Meio do Caminho - Biografia de um Poema*.

Em 1972, Drummond completou 70 anos, e em entrevista ao *Jornal do Brasil* disse:

Leio aqui ali que há um velho, insolúvel desentendimento entre Itabira e seu menino de setenta anos. Não é possível. Entendo bem minha cidade, cuja reserva herdei. A quem me acusar ingrato, porque não apareço lá, não apareço há muitos anos, direi que não preciso rever Itabira para estar em Itabira. Nela estou desde que nasci. É meu

clima, limite e medula. Ainda que quisesse, não saberia arquivá-la. Cidade da zona de mineração, com seus vales de história e sombra, sua psicologia, seu mistério renitente à luz do sol, acompanha a gente por toda a vida (ANDRADE, Crônica Septuagenário – Jornal do Brasil, 1972).

No dia 17 de agosto de 1987, Carlos Drummond de Andrade faleceu no Rio de Janeiro, isso aconteceu doze dias após o falecimento de sua filha, a também escritora Maria Julieta Drummond de Andrade (FRAZÃO).

Em seu poema “Mãos dadas”, Drummond (1940) faz uma definição de como seria sua poesia e de que tipo de poeta ele seria:

Não serei o poeta de um mundo caduco/ Também não cantarei o mundo futuro./ Estou preso à vida e olho meus companheiros/ Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças./ Entre eles considero a enorme realidade.
(...) /O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Sendo assim, podemos esperar de Drummond uma poesia real, sobre a vida e sobre a sua história de vida: infância, cidade natal, carreira, reflexões a respeito da vida e relações amorosas.

A seguir, serão listadas todas as obras de Drummond e seus respectivos anos de lançamento: Obras de Poesia/Crônica - *Alguma Poesia* (1930); *Brejo das Almas* (1934); *Sentimento do Mundo* (1940); *José* (1942); *A Rosa do Povo* (1945); *Novos Poemas* (1948); *Claro Enigma* (1951); *Fazendeiro do Ar* (1954); *Viola de Bolso* (1955); *A Vida Passada a Limpo* (1959); *Lição de Coisas* (1962); *Versiprosa* (1967); *Boitempo* (1968); *A Falta que Ama* (1968); *Nudez* (1968); *As Impurezas do Branco* (1973); *Menino Antigo* (Boitempo II) (1973); *A Visita* (1977); *Discurso de Primavera e Algumas Sombras* (1977); *O marginal Clorindo Gato* (1978); *Esquecer para Lembrar* (Boitempo III) (1979); *A Paixão Medida* (1980); *Caso do Vestido* (1983); *Corpo* (1984); *Eu, Etiqueta* (1984); *Amar se Aprende Amando* (1985); *Poesia Errante* (1988); *O Amor Natural* (1992); *Farewell* (1996); *Os Ombros Suportam o Mundo* (1935); *Futebol a Arte* (1970); *Naróta do Coxordão* (1971); *Da Utilidade dos Animais e Elegia* (1938). Obras em Prosa: *Confissões de Minas* (1944); *Contos de Aprendiz* (1951); *Passeios na Ilha* (1952); *Fala, Amendoeira* (1957); *A Bolsa & a Vida* (1962); *A Minha Vida* (1964); *Cadeira de Balanço* (1966); *Caminhos de João Brandão* (1970); *O Poder Ultrajovem e mais 79 Textos em Prosa e Verso* (1972); *De Notícias & Não-notícias Faz-se a Crônica* (1974); *70 Historinhas* (1978); *Contos Plausíveis* (1981); *Boca de Luar* (1984); *O Observador no Escritório* (1985); *Tempo Vida Poesia* (1986); *Moça Deitada na Grama* (1987); *O Averso das Coisas* (1988); *Auto-retrato e Outras Crônicas* (1989); *As Histórias das Muralhas* (1989). Obras de Antologia poética: *Poesia até Agora* (1948); *A Última*

Pedra no meu Caminho (1950); *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (1956); *Antologia Poética* (1962); *Seleção em Prosa e Verso* (1971); *Amor, Amores* (1975); *Carmina Drummondiana* (1982); *Boitempo I e Boitempo II* (1987); *Minha Morte* (1987). Obras infantis: *O Elefante* (1983); *História de Dois Amores* (1985); *O Pintinho* (1988); *Rick e a Girafa*.

3 MEMÓRIA E INFÂNCIA NA OBRA DE CDA

E eu não sabia que minha história
Era mais bonita que a de Robinson Crusóe.
(ANDRADE, 1987, p.4)

A complexa poesia de Drummond reflete constantemente acerca da relação do homem com o mundo e suas implicações. Para Manuel Bandeira, Carlos Drummond é o poeta da “emoção social” (BANDEIRA, 1984, p.102). Além disso, a obra de Carlos Drummond de Andrade é marcada por inúmeras referências à sua infância em Itabira do Mato Dentro, podemos dizer que esta parte da sua vida está inscrita em sua memória e em sua poesia, que cita claramente imagens de sua infância e de sua família.

Para Le Goff (2008, p. 419), estudar a memória inclui áreas como a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia e a biologia. Não existe uma definição para a palavra memória, podemos falar em três tipos de memória: memória individual, memória coletiva e memória social. Ainda de acordo com Le Goff, a memória social e a memória coletiva se diferenciam no sentido de que esta seria uma designação para os povos sem escrita, enquanto que aquela refere-se às sociedades nas quais a escrita já se instalou. Sendo assim, a memória social tem documentos escritos como testemunha, enquanto a memória coletiva se restringe a oralidade.

Sobre a memória individual, Le Goff afirma que “a memória é um fenômeno individual e psicológico, ou seja, é uma experiência interior e subjetiva, intangível, visto que não tem documentos como a memória social, tampouco pode ser compartilhada como a memória coletiva” (LE GOFF, 2008, p. 420). No entanto, ela pode ser transmitida através da palavra. Nesta perspectiva de memória individual, Drummond, enquanto poeta-narrador, traz à tona situações de sua infância em Itabira, seus pais, a casa do interior e diversos momentos de sua tenra idade.

Ainda segundo Le Goff:

Os gregos da época arcaica fizeram da memória uma deusa, Mnemosine (...) Lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside à poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada dos tempos antigos, da idade heróica, e por isso da idade das origens. A poesia identificada com a memória faz desta um saber e mesmo uma sagesa, uma sophia. O poeta tem o seu lugar entre os mestres da verdade e, a origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que se inscreve na memória como mármore (LE GOFF, p. 21, 1997).

Pode-se inferir, portanto, que o poeta é um mestre da verdade e a memória que o poeta expressa enquadra-se como um saber. O poeta é um especialista em ter a memória viva e transcrevê-la em forma de poema.

Podemos dizer que a memória é fruto de uma experiência interior e subjetiva. O poeta, “possuído pela memória”, na expressão de Le Goff, tem registrado em si, as memórias e as experiências de sua infância, e pode, portanto, traduzi-la em palavras, em sua poesia.

Segundo Bosi, os poemas trazem imagens e pensamentos, posto que o eu-lírico transita entre as lembranças que guarda, os valores que recebeu da família e as experiências que estão por vir. Conforme destaca em:

...a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro - dos tempos já mortos-, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente. (BOSI, 1978. p.131).

Para Bosi, a memória deixa de ser relativa a um tempo cronológico (que acabou), e passa a ser um “passado presente” no inconsciente do eu-lírico.

A memória de Drummond sobre Itabira é presença constante nas suas obras. A cidade tem um lugar especial nas memórias e na vida do poeta. De acordo com Rodrigues (2011, p. 14) “pode-se ir além e dizer que Itabira está no começo, no meio e continua *ad eternum* em Drummond, sendo parte inerente do seu ser e da sua obra, conforme as palavras do próprio poeta, “[Itabira] é meu clima, limite e medula”.

Ainda sobre Drummond, para Villaça:

Vista no conjunto, a poesia de Drummond é um longo e variado discurso que atravessou boa parte do século xx alimentando-se dos acontecimentos menores e maiores, pessoais e coletivos, somando-lhes o efeito íntimo da perplexidade e a tudo testemunhando de muitos modos (VILLAÇA 2002, p. 19).

A poesia de Drummond é alimentada tanto pela memória individual, de fatos pessoais, quanto pela memória coletiva, a respeito de temas sociais contemporâneos a ele. A visão do poeta a respeito de cada situação torna a sua poesia própria e traz a ela um caráter único.

4 A INFÂNCIA REMEMORADA POETICAMENTE EM POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O poema “Infância” faz parte do livro *Alguma poesia*, que marca a estreia de Drummond em livros. A obra foi publicada em 1930 e está inserida na primeira e na segunda fase do modernismo no Brasil, segundo o Guia Estudo, “essa fase do Modernismo foi marcada pelo coloquialismo e pelo interesse dos artistas em se desvincular das tendências do parnasiano-simbolistas que dominavam na época.”. Para Santiago Sobrinho (2014):

O livro *Alguma poesia* pertence à geração de 1930, no entanto, muitos dos seus poemas foram escritos ao longo dos anos 20 do século passado, portanto, na fase “heroica do modernismo” e sob forte influência das vanguardas europeias e todo o aparato estético-social que àquele momento hiperbólico se firmava (SANTIAGO SOBRINHO, 2014, p. 210)

Alguma Poesia é composto por 49 poesias, que foram escritas entre 1925 e 1930, e foi dedicado ao também poeta Mário de Andrade, amigo pessoal de Carlos Drummond. A obra é iniciada pelo *Poema de sete faces*, que mostra as sete faces do eu-lírico, dentre as faces, ele pode ser um homem forte ou uma criança carente. Este poema já marca, por assim dizer, a presença da infância e da criança que há no eu-lírico. Ao longo da obra, outros poemas trazem a temática da infância, da família, do local onde Drummond nasceu e teve seus primeiros ensinamentos, como por exemplo “A rua diferente”, “Cidadezinha qualquer”, “Lagoa”, “Festa no brejo” e “Família”. Além disso, *Alguma poesia* traz composições marcadas pela metalinguagem, pois destacam a vida e o ofício do poeta, como “O sobrevivente”, “Fuga”, “Poesia” e “Nota Social”. A obra também explora relações amorosas, como é possível ver em: “Sentimental”, “Cantiga de Viúvo”, “Moça e soldado”, “Balada do amor através das idades” e “Quero me casar”. A temática aqui abordada está em torno de sua infância e de sua relação com seus pais e com sua cidade natal: Itabira do Mato Dentro.

A infância e a memória são temas recorrentes na poesia de uma maneira geral, e estão presentes na obra de outros autores brasileiros, neste cenário, podemos destacar:

- Manuel Bandeira: no poema “Auto-retrato”, inserido na obra *Mafuá* do Malungo, Bandeira explora sua origem e apresenta memórias de sua vida.
- Cecília Meireles: transfigura a sua família e memórias de sua infância no poema “Memória”.
- Mário Quintana: em “A casa grande”, o poeta traz à memória a casa de sua família na qual viveu sua infância.

Segundo Oliveira (2017, p. 3558) “Drummond realiza no livro *Alguma poesia* várias das premissas do modernismo, no que tange às mudanças propostas em relação à forma convencional de se pensar o fazer poético”. Portanto, a obra também foi um marco para o movimento modernista brasileiro.

O Modernismo foi um movimento literário que teve como marco inicial a Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro de 1922, no entanto, até vinte anos antes deste evento já se viam obras com características modernistas (BOSI, 1994), o que podemos caracterizar como pré-modernismo. Ainda conforme Bosi (1994, p. 383),

a Semana de Arte Moderna foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra vinham se firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.

A literatura moderna traz como característica o uso mais recorrente da linguagem coloquial e a defesa de maior liberdade no uso das palavras pelo poeta, bem como de modos de elaboração poética, rompendo com a rigidez do movimento parnasiano, que postulava uma série de normas e exigências bastante rígidas para a elaboração poética, o que se pode observar em Drummond. Outra marca da poesia moderna destacada por Bosi é a presença de versos livres e de espontaneidade por parte do poeta (BOSI, 1994). Tal característica se expressa em “Infância” e outros poemas de Drummond, os quais destacamos: “Lanterna Mágica”, “Europa, França e Bahia”, “Igreja”, dentre outros.

Bosi (1994) ainda afirma que não há como caracterizar o Modernismo de modo único, por apresentar diferentes facetas e várias possibilidades de temática, tais como: temas sociais, familiares e românticos, além da valorização nacional. É nesse contexto que Drummond se consagra como um dos principais poetas brasileiros, centro das análises propostas neste TCC.

4.1. Memória da infância

A seguir, transcrevo o poema “Infância”, do qual farei a análise.

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras lia a história de Robinson Crusóé.
Comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo olhando para mim:
– Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.
(ANDRADE, 1987, p.17).

O título do poema demonstra que a temática abordada faz relação à memória, tendo um eu-lírico caracterizado como um homem falando sobre sua infância. Drummond tem por característica resumir objetivamente o tema dos seus poemas nos títulos, o que já antecipa ao leitor a temática que será abordada e atua como uma chave de leitura. O poema tem dezoito versos divididos em cinco estrofes irregulares. A primeira e a segunda têm cinco versos, a terceira tem quatro versos e as duas últimas estrofes têm dois versos cada. Os versos são irregulares, alguns mais curtos e outros mais longos. Em alguns momentos, o autor parece “mergulhar” em suas memórias e por um momento “esquecer” que se trata de um poema, por isso penso que alguns versos aparecem maiores que outros, quase que como uma narrativa em prosa.

Em um primeiro momento, é possível perceber que o eu-lírico inicia o poema com o verbo no pretérito imperfeito, o que demonstra que irá tratar do passado, de ações que não estão concretizadas no presente, e assim, no pretérito, todo o poema discorre. Além disso, o poema apresenta linguagem coloquial, versos livres, mais estendidos e mais proporcionais uns aos outros, com exceção dos versos finais do primeiro parágrafo. Vê-se também a presença de substantivos concretos, com exceção do título do poema.

Nesta obra, Drummond traz à tona um recorte de sua infância, na zona rural, o cenário é descrito com linguagem clara e acessível, é possível facilmente visualizar a cena de sua infância. Os primeiros versos mostram também uma família comum em uma situação cotidiana, e mostra cinco personagens: os pais, Drummond, o irmão que dorme e a preta, que cuida e traz o café. O cenário da família é representado de uma forma hierárquica tradicional patriarcal: o pai é apresentado primeiro, logo após a mãe, em seguida o irmão mais novo e por fim, a escrava, que Drummond trata com certa afetividade.

Além deste aspecto, pode-se perceber mais traços de uma sociedade patriarcal “Meu pai montava a cavalo, ia para o campo. /Minha mãe ficava sentada cosendo.” (ANDRADE, 1987, p. 17) Neste trecho, podemos retomar a memória coletiva, de uma sociedade patriarcal na qual o homem saía para sustentar a casa, enquanto a mulher tinha a função de educar os filhos e cuidar dos afazeres domésticos, além da memória individual do poeta, que vivenciava tal cotidiano. A criança, neste caso Drummond, só conhece o cenário da casa, o quintal e o cotidiano da casa, mas não onde o pai está e o que faz.

Ao final da primeira estrofe em: “Eu sozinho menino entre mangueiras lia a história de Robinson Crusoe./Comprida história que não acaba mais.” (ANDRADE, 1987, p. 17), vemos um retrato de um menino que já demonstrava interesse pela leitura e pelas histórias de Crusoe, que lhe pareciam muito interessantes neste momento. De acordo com Le Goff (2008, p. 469), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar- *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”. Portanto, a memória de Drummond mostra a identidade de leitor e amante das palavras.

No recorte “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu chamava para o café.”, podemos perceber os traços de um país escravocrata e uma memória coletiva desta época. Segundo Le Goff,

a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2008, p. 469).

A memória está presente através do resgate de diferentes sensações, não apenas a visão do cenário da casa da infância, mas também através do olfato, do paladar, das vozes da infância, como na segunda estrofe: “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu chamava para o café/ Café preto que nem a preta velha /café gostoso /café bom.” São esses fragmentos soltos que juntos formam a memória, segundo Bosi (1994, p. 39), “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.

Ao longo das quatro primeiras estrofes, o eu-lírico relata sua memória da infância, de acordo com a visão infantil dos fatos e do cotidiano partilhados com sua família. Na quarta estrofe, em: “Lá longe meu pai campeava /no mato sem fim da fazenda”, podemos perceber a visão de um menino que, em sua perspectiva, vê o mato da fazenda como um mato sem fim, algo que não acaba, que ele não consegue enxergar o fim. Para uma criança, o mato da floresta é infinito.

Na última estrofe, aparece o momento presente, pois, apesar de os verbos continuarem no pretérito, há a presença da conjunção “e” com valor adversativo e da negação do verbo “sabia”: “E eu não sabia que minha história /era mais bonita que a de Robinson Crusóé.” Podemos compreender, portanto, que na infância, Drummond não tinha o conhecimento e a maturidade para entender e visualizar a beleza de sua história, hoje, com o olhar mais maduro, o poeta pode compreender. Mas ele olha para o passado a partir do presente. Para fazer referência a um passado em que “não sabia”, ele está situado em um presente, no qual sabe, ao menos que não sabia. A memória traz, portanto, uma reflexão e uma forma de ressignificar o passado. Para Bosi (1994):

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença entre termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p.55).

O autor compara a sua vida com as histórias de Robinson Crusóé. O livro *As aventuras de Robinson Crusóé* cujo autor é o inglês Daniel Defoé foi publicado em 1719 e se trata de um romance que narra as aventuras de Crusóé em uma viagem na qual ocorre um naufrágio e ele é o único sobrevivente em uma ilha, tentando viver sozinho e sem recursos. Ao todo, a história narra 25 anos de Crusóé. Há, portanto, uma comparação implícita, já que Drummond fala sobre si mesmo: “Eu sozinho menino entre mangueiras lia a história de Robinson Crusóé”, relacionando sua solidão à história de Crusóé que também se viu sozinho em uma ilha. Apesar da família estar em volta e ser presente, o sentimento de solidão é algo de que o autor se lembra bem.

Drummond, quando criança, segundo o relato poético construído no poema aqui em análise, via a obra de Defoé como uma narrativa interessante, de muitas aventuras, quando comparada a sua infância simples no interior de Minas Gerais. Já com o olhar do adulto, que tem vivas tais memórias, o poeta interpreta que a sua vida, na realidade, era muito mais interessante que qualquer história de Crusóé, porque ele viveu essa história e tudo aquilo, em sua memória, tinha um valor inestimável. Quando o autor destaca “**meu pai, minha mãe, meu irmão**”, ele marca a posse da história da sua vida e da importância destes personagens para a sua trajetória.

O menino que tem a memória de todas estas vivências, hoje é um adulto que pode enxergar com outro olhar sua infância e sua família, olhar esse que é ainda transformado pela criação poética, ou seja, não se trata de narrar exatamente o que foi (o que seria impossível),

mas de tratar poeticamente essa memória. Somente o olhar adulto vê beleza em uma casa de campo, no aroma do café, na brisa, segundo o poema. Todo o poema transita entre o passado e o presente, que se entrelaçam no olhar do poeta, no entanto, a memória se transforma com o passar do tempo. Para Lucas:

A memória, para Carlos Drummond de Andrade, é total, um estado de unidade completa, reunindo retrospectões e projetos. Memória afetiva, cenário cruzado de reminiscências inesgotáveis e de imagens proféticas. Tudo o que afeta o passado e o futuro da sociedade tem ressonâncias amplificadas na alma do poeta (LUCAS, 1977, p. 241).

As memórias de Drummond advêm dessas ressonâncias das memórias afetivas, do cheiro, do som de sua infância, da brisa leve do interior, dos pequenos detalhes que se tornam grandes para o poeta que é afetado por essas vivências e por tantas outras que constroem sua poesia.

Em “Infância” diversos recursos linguísticos são utilizados por Drummond com diferentes objetivos, a seguir, detalharemos alguns destes recursos e como eles foram explorados pelo referido autor.

Um dos recursos linguísticos que podemos citar é a ironia, tal recurso é regularmente utilizado na literatura. A ironia esconde uma intenção por parte do interlocutor, neste caso, o autor do texto. Para que a ironia seja de fato utilizada, o leitor deve perceber tal intenção que difere do texto propriamente dito:

O processo irônico fundamenta-se na lógica dos contrários na tensão entre o literal e o figurado e numa relação muito especial entre o enunciador e seu objeto de ironia, e entre o enunciador e o enunciatário. A ironia requer de seu produtor uma familiaridade muito grande com os elementos a serem ironizados (BRAIT, 1996, p. 129).

A comparação também está presente, por exemplo, no verso “Café preto que nem a preta velha”, a expressão “que nem” é o elemento comparativo, ainda que esteja em uma forma coloquial.

No trecho “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala” é possível observar a presença da metáfora, quando o autor utiliza a palavra “voz” para se referir a escrava da família.

Podemos observar, na quarta estrofe, em: “Lá longe meu pai campeava /no mato sem fim da fazenda”, a presença da hipérbole, figura na qual o autor utiliza-se do exagero (mato sem fim) para intensificar sentimentos e sensações.

Além desses recursos, podemos destacar a escolha lexical do autor, para Cordovil e Domingos (2010, p. 195), “Drummond faz uso de palavras comuns, usuais, conhecidas do

cotidiano, mas quando estas palavras voltam-se ao público, aparecem com uma gama de possibilidades.”. Este vocabulário coloquial e próximo do leitor é uma marca tanto do Modernismo quanto da identidade de Drummond. Para Lopes (2016, p. 3):

A liberdade de linguagem reivindicada pelo movimento modernista permitiu que a temática da infância fosse abordada nos poemas de maneira mais autêntica, uma vez que o poeta pôde se valer de uma linguagem mais coloquial, mais subjetiva, mais fragmentada, livre na norma culta, das regras de pontuação convencionais; uma linguagem da sua região, das pessoas ao seu redor, da cultura folclórica etc.

Drummond, enquanto poeta modernista, se vale desta liberdade linguística para aproximar a sua poesia de uma visão mais cotidiana, menos distanciada do leitor, criando, assim, uma imagem de autenticidade ou de intimidade com aqueles que o leem, e assim transmitir, através da sua poesia, não apenas marcas da sua vida pessoal, mas também reflexões sobre a vida, sobre sua região e sobre a existência humana.

4.2. Outras abordagens da infância na poesia drummondiana

Esta temática da infância é bastante abordada por diversos poetas, principalmente da escola modernista. Para Lopes (2016, p. 4), “Infância e memória são dois temas comuns na poesia em geral e muitas vezes aparecem conjugados. Com a liberdade de linguagem conquistada pelo Modernismo, a representação da memória da infância através da linguagem ganha mais potencialidade, mais possibilidades.”.

De maneira direta ou indireta, na obra poética de Drummond, é possível encontrar uma série de situações que retomam lembranças da infância do poeta e o mundo lúdico das crianças. Portanto, esta temática é de extrema importância para compreender a poesia de Drummond. Tais lembranças o acompanham e fazem parte do poeta que ele é hoje. Passado e presente se confundem na memória do autor. Para Bosi, “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso poder reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 1994, p. 411)”.

Bosi destaca que a memória individual se sobressai à memória coletiva, já que o sujeito tem a posse das memórias e das vivências que foram essenciais e significativas para a sua construção enquanto indivíduo.

Podemos citar como exemplo outro poema de Drummond. Os versos iniciais de “Noturno” (1987) demonstram uma situação corriqueira de sua infância: “Abença papai, abença

mamãe. / Deus te abençoe. / Não vá se esquecer de arear os dentes e lavar os pés antes de deitar.”. Este poema segue uma narrativa que mostra a rotina de Drummond ainda criança, quando tentava dormir, mas não conseguir e por isso, chegava a incomodar os pais. O poema segue nos seguintes versos: “Dorme bem, meu filho. / Não fique pensando bobagens no escuro. / O mais é com Deus. / Mas fico. ” mostrando implicitamente uma relação de carinho entre pais e filhos, relação esta que começa a se tensionar a medida em que o menino não consegue dormir e incomoda os pais.

A narrativa se contrói na dificuldade de dormir de Drummond, expressa nos versos: “Vou contar estrela./ Não./ Conto passarinho que já tive ou tenho ou terei um dia./ Conto, reconto vistas de cigarros, minha coleção é fraca./ Nomes de países. 27 só. Aí, essa geografia./ Nomes de meninas./ Todas são Lurdes, Carmos, Rosários, faço confusão.” O poema se encerra sem que o eu-lírico/autor consiga finalmente dormir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Drummond é um dos grandes poetas brasileiros, começou a publicar textos em 1921 e até hoje sua vida e sua obra impactam a história da literatura brasileira. Como vimos ao longo deste artigo, o autor aqui estudado se insere no Modernismo Brasileiro, movimento literário no qual se encaixam também Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Cândido Mota Filho e Mário de Andrade. Portanto, sua obra tem a presença de linguagem coloquial, uso de recursos linguísticos como hipérbole, comparação e metáfora, além de apresentar versos livres e irregulares.

Através desta análise e das teorias propostas por alguns autores como Bosi e Le Goff, bem como por críticos que analisaram a obra drummondiana, foi possível perceber traços tanto da memória individual, quanto da memória coletiva de uma época e sociedade. A visão do poeta é essencial para a construção da identidade das obras e para esse caráter pessoal.

A infância, objeto de estudo deste artigo, surge como um tempo em que os problemas e dilemas adultos não alcançam o autor, mas ao mesmo tempo esta criança considera a sua infância sem grandes aventuras e momentos especiais.

Ao longo desta pesquisa, podemos perceber que as marcas da infância também aparecem em outros autores brasileiros, não apenas da escola literária modernista, ainda que o modernismo tenha influenciado consideravelmente o desenvolvimento de temas como a infância. A liberdade linguística ofertada pelo modernismo possibilitou que os autores utilizassem uma linguagem menos rebuscada, mais coloquial e próxima da realidade de grande parte da sociedade.

A análise deste poema e desta temática como um todo procurou apontar que a beleza e a relevância dele não foram resultados de uma preocupação exclusivamente estética ou de uma linguagem rebuscada e pensada apenas como recurso formal, mas, ao contrário, seus recursos linguísticos e lexicais denotam simplicidade e contêm elementos de uma poesia memorialística que permitem também uma aproximação com o leitor e, pode-se dizer, com a memória que o próprio leitor constrói da sua infância, em especial no Brasil marcadamente rural, com uma estrutura bastante convencional de família patriarcal e cotidiano simples.

Assim, podemos afirmar que a poesia de Drummond se estabelece, entre outras muitas e muitas coisas, como uma forma de preservar, no adulto, o olhar infantil, que sempre se renova. Esta poesia tem como objetivo não somente rememorar o passado, mas ressignificá-lo sob a perspectiva adulta e madura das situações.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião**: 19 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BANDEIRA, Manuel. **Obra completa**: volume único. 4ª edição. Organizada pelo autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- BASTOS, Hermenegildo. “Permanência da literatura (direção da prática cultural na era do multiculturalismo e da indústria cultural)”. Em: LOBO, Luiza (org.) **Fronteira da literatura. Discursos transculturais**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1978.
- . _____. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- FRAZÃO, Dilva. Biografia de Carlos Drummond de Andrade. In: **Biografia de Carlos Drummond de Andrade**. Brasil, 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carlos_drummond/. Acesso em: 10 out. 2020.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **Enciclopédia Einaudi**. Memória-História. Lisboa, 1997
- LUCAS, Fábio. Drummond, dentro e fora do tempo. In: BRAYNER, Sônia. **Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- Alguma Poesia; Guia Estudo. Disponível em <https://www.guiaestudo.com.br/alguma-poesia> . Acesso em: 28 set. 2020.
- OLIVEIRA, Silvana. **O intervalo modernista de 1926 a 1942**: libertinagem, bandeira, e alguma poesia, Drummond. Brasil, 2017. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522198487.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.
- SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. *Alguma poesia* e a técnica. In: **Revista Texto Poético**. Vol. 17 (2o sem-2014).
- SILVA, Marcia Cristina. Retratos da infância no memorialismo poético de Carlos Drummond de Andrade. In: **Revista Garrafa 30**, 2013.
- VILLAÇA, Alcides. Drummond: primeira poesia. **Teresa**, (3), 16-50, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/121121>. Acesso em: 05 jan. 2021.